

## APRESENTAÇÃO

Como referendado por Maquiavel, desde o Renascimento, ética e política constituíam preceitos/conceitos inconciliáveis. Por aqueles tempos, a praticidade surgia como um *modus operandi* capaz de agregar certo frescor nas tarefas cotidianas de uma sociedade pautada até então pelo rigor dos dogmas eclesiásticos medievais. Desde então, Deus concede ao homem o livre arbítrio, e este se converte, por fim, no centro de interesse do universo, e torna-se a fonte e o alvo dos poderes constituídos com vistas à manutenção ou à transformação do *status quo* em vigor. Desde o seu uso como veículo de divulgação de dogmas religiosos e de difusão das façanhas de heróis nacionais, a literatura – ainda que de forma incipiente, se comparada com a sofisticação de que dispomos hoje em dia – jamais se eximiu de seu teor propagandístico. Através de sua produção intelectual, pensadores de distintas estirpes e facções políticas disseminaram sua ideologia, explícita ou sutilmente imiscuída nas entrelinhas de sua obra literária, forjada com diferentes estilos, seja convidando à reflexão mais atenta, seja incitando ao riso franco, visto que, não raro, a sátira, por exemplo, seria capaz de lograr efeitos desconcertantes sobre os alvos de sua crítica. A pluma era o instrumento mordaz com que contavam os autores dirigidos a um público majoritariamente semiletrado ou analfabeto; a imprensa apenas engatinhava na transição da Baixa Idade Média para a Renascença, início da modernidade.

Com a sua maturidade, as letras impressas alcançam rincões cada vez mais longínquos, levando à população as novidades boas e ruins, o entretenimento, o conhecimento, e, sobretudo, as ideias articuladas por intelectuais jamais isentos de premissas construídas sobre convicções ideológicas, disseminadas explícita ou tacitamente, as quais caberá ao leitor mais atento reconhecer, para acatá-las ou recusá-las, ou mesmo ignorá-las. Mudam-se os tempos, mudam-se os formatos. Contudo, as intenções seguem as mesmas, conforme os interesses políticos inseridos em dado contexto histórico, em que os formadores de opinião, dos quais fazem parte os escritores, expressam seu ponto de vista, movidos pelo “dever cívico” ou pela demanda de um engajamento sociopolítico em prol de frentes partidárias comprometidas com movimentos sociais de toda ordem. Na outra ponta, os partidários de outros anseios, igualmente determinados na divulgação de suas diretrizes ideológicas, em busca de alianças que corroborem e disseminem suas premissas.

Nestes termos, há séculos lança-se mão do discurso literário como potente aliado na disseminação de ideias, cujo poder coercitivo resulta determinante para arrebanhar seguidores, que, em momentos conhecidos, foram chamados à luta armada, em defesa dos interesses desta ou daquela Nação, ou mesmo em conflitos fratricidas. Persistem até hoje questões pautadas no fundamentalismo religioso e racial, ou, desde mais recentemente, na isonomia social, econômica e política entre gêneros sexuais, entre as etnias, para citar algumas entre tantas. Todos, em maior ou menor grau, investidos de seus discursos, observados por seus defensores e detratores. Passada a chamada era da modernidade, inseridos que estamos no panorama dos pós-ismos (pós-nacionalismos, pós-feminismos, pós-colonialismos, entre outros), desgastaram-se as utopias e estabeleceu-se o ceticismo generalizado, muito em função do esvaziamento dos discursos, fragilizados pela subversão de suas propostas iniciais, gerando o descrédito e a dúvida. Por isso, nos propusemos a dedicar este número a estas reflexões sobre a promoção ideológica via literatura na atualidade, mesmo que compreendida sob a perspectiva do pós-nacional. Como, afinal, os autores e autoras têm se posicionado, através de sua produção literária, com relação à chamada nova ordem mundial, quando se preconiza a dissolução de fronteiras geográficas e o esmaecimento das ideologias? Como logram legitimar suas posições enquanto veículo de mobilização para referendar e legitimar seu posicionamento a fim de convencer e incitar seus leitores?

Neste volume 18 número 1, da *Ipotesi*, reunimos artigos e resenhas sobre obras de ficção e poemas de distintas procedências, cuja abrangência temática compõe-se por questões abolicionistas, com enredos nacionalistas e regionalistas, periferizações e globalização, construções identitárias imbricadas com paradigmas culturais, sociais, de gênero e de sexualidade, em que ficção, política, religiosidade e sociedade interagem para compor todo um concerto interdisciplinar regido pela literatura. Assim, encontraremos aqui textos críticos referentes ao continente americano – sobre obras e autores brasileiros, chileno e canadense –; ao europeu – sobre obras e autores portugueses, galego e francês –; e africano, referente à literatura egípcia. Um teor que pressupõe a influência dos climas e dos costumes e, como não poderia deixar de ser, das ideologias reinantes em prol dos interesses políticos, explícitos ou não. Em todos esses artigos e resenhas encontraremos uma contribuição proveniente dos articulistas e resenhistas para a apreciação dos leitores, no tangível alcance semântico que permeia esta palavra. Ponderação e estima.

Rose Mary Abrão Nascif - UFJF